

O Brasil acerta ao investir em infraestrutura

Estamos saindo de um longo período de incertezas para outro que se mostra promissor e melhor, com aspectos inéditos para o mercado da construção no Brasil. Nosso otimismo não é em vão.

Os resultados do “Estudo Sobratema do mercado brasileiro de equipamentos para construção – 2009”, divulgado recentemente e que mostra um comparativo entre os reflexos da crise que atingiu a economia mundial em 2008 e os prognósticos do setor até 2014, sustentam perspectivas positivas para o país. Nossa pesquisa inclui todas as grandes categorias de equipamentos de construção (escavadeiras hidráulicas, tratores de esteira, retroescavadeiras, guindastes, gruas e plataformas aéreas) e não importa se o equipamento é adquirido pelo setor de construção (obviamente o comprador maior), ou por outros, como mineração, agricultura e indústria.

O estudo mede o mercado interno, ou seja, a demanda para equipamentos novos, sejam eles de fabricação nacional ou importados. Finalmente, estima a demanda pelo setor de construção para caminhões rodoviários (principalmente basculantes) e tratores pesados. A pesquisa da Sobratema (Associação Brasileira de Tecnologia para Equipamentos e Manutenção) é importante porque contém estatísticas confiáveis, necessárias para o desenvolvimento de um setor moderno e eficiente. É uma ferramenta adicional para ajudar as empresas no seu planejamento interno. Demonstra ainda o tamanho e potencial do setor para o governo, potenciais investidores nacionais e estrangeiros, além de potenciais fornecedores de insumos e serviços.

Destacamos na pesquisa que, além de ter superado rapidamente a crise mundial, o Brasil está

entrando em uma fase que se caracteriza por planejamento e empreendimentos já compromissados e com agenda fixa: o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), a exploração dos campos de Petróleo do Pré-sal, a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Vem daí o ineditismo do qual falamos no início. O mercado, sobretudo no que diz respeito à venda e compra de equipamentos para construção, não vai viver ao sabor das intempéries políticas. Não haverá incertezas nas mudanças de governo, com obras, por exemplo, sendo adiadas por conta disso. Nossas empresas voltadas para a construção poderão comprar seus maquinários e contratar empregados com mais segurança, promovendo desenvolvimento. Para se ter uma ideia, só no mês de setembro, nosso setor criou 160 mil empregos segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), três vezes mais que a área de serviços.

Ao contrário dos EUA e Europa, fizemos a lição de casa. Nosso estudo mostra que o Brasil venceu a crise, em especial no setor da construção – enquanto o mundo registrou uma queda de 46% na venda de equipamentos da linha amarela nos últimos dois anos, o Brasil obteve a marca positiva de 10%. Estados Unidos e Europa tiveram decréscimo igual



a 60%. Pagaram o preço de não investir em infraestrutura, opção feita corretamente pelo Brasil. Como consequência, esses dois mercados, que já representaram 49% da demanda mundial do setor, hoje são apenas 29%, segundo a OHR (OFF-Highway Research).

Nossa recuperação foi rápida. O Brasil teve uma queda de 24% nas vendas em 2009 (EUA e Europa registraram 60%), mas a perspectiva de crescimento para 2010, de cerca de 24%, já demonstra nossa grande capacidade de reação. Nosso mercado está aquecido. Em 2007, ano anterior ao da crise, foram vendidas 34 mil máquinas. Em 2009, o índice aproxima-se da marca de 40 mil. Os números atestam que o Brasil está em franca evolução, superou a crise, que, com planejamento e obras já comprometidas, apresenta ao mundo uma fórmula de desenvolvimento e crescimento.

As expectativas a médio prazo são ainda melhores. Com investimentos já compromissados, estima-se que, em 2014, a venda total de equipamentos para construção no Brasil, incluindo caminhões rodoviários, tratores pesados de pneus, guindastes

e guias, atinja a marca de 82 mil unidades. O setor que vai puxar esta alta é justamente o de infraestrutura, com 45 mil unidades, seguido da construção civil (24 mil), mineração (10 mil) e agricultura (3 mil). Esse crescimento previsto para o Brasil tem um índice comparado apenas à Índia, que tem a perspectiva positiva de 27%. A média mundial será de 6% e os outros mercados apresentam as seguintes expectativas: Europa (0%), EUA (7%) e China (7%).

O Brasil, enfim, está no caminho certo. O investimento em infraestrutura e a segurança da realização dos empreendimentos estão promovendo o crescimento do mercado, a geração de empregos e o desenvolvimento social. Cabe a todos nós manter tudo isso nos trilhos. O país pode ter certeza de que a Sobratema, entidade que congrega empresas como Norberto Odebrecht, Andrade Gutierrez, Camargo Correa, Queiróz Galvão, OAS, Galvão Engenharia, a mineradora Vale, os fabricantes Caterpillar, Komatsu, Volvo, Case, New Holland, JCB, Liebherr, Atlas Copco, Haulotte, Metso Minerals, Dynapac, Ciber, Terex, Hyundai estará junto nesta caminhada. ■

www.tnpetroleo.com.br

**informação
que repercute**